

“AFLORAR DOS OSSOS”: ESCREVER O CORPO ANORÉXICO COMO FORMA DE EXISTIR ENQUANTO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

Zíngara Lofrano¹
Nathália Rippel²

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar e mapear sentidos materializados num blog pessoal de uma jovem sob pseudônimo de Sweet e seus relatos sobre a anorexia nervosa. Para isso, recorreremos à base conceitual da Análise de Discurso em diálogo com autores da Comunicação, da Antropologia, da Sociologia e da História. Em geral, esses blogs são vistos como material de incentivo a práticas de alimentação reduitiva e como um grande risco para a saúde dos jovens diagnosticados com o mesmo problema. Nesse trabalho, o propósito é de oferecer uma proposta de escuta a partir desses escritos divulgados em um dispositivo de biossociabilidade e que muitas vezes são silenciados. A conclusão aponta para um modo de relato de si que, ao recorrer à expressão quase-ficcional, tenta mobilizar sentidos que escapam às formulações sociais comuns sobre essa forma de mal-estar e institucionalizadas no campo biomédico.

PALAVRAS-CHAVE

Blog. Discurso. Anorexia. Bulimia. Corpo feminino.

1 INTRODUÇÃO

Meu Alface Favorito é um blog pessoal mantido por uma jovem mulher sob o pseudônimo de Sweet. B. como um diário virtual no qual ela relata sua relação com a anorexia nervosa³. Em 2021, segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria, 70 milhões de pessoas foram afetadas por algum transtorno alimentar, incluindo anorexia, bulimia⁴, transtorno de

¹ Mestra em Comunicação pela PUC-Rio (2024), pós-graduação em Gestão Empresarial e Marketing pela ESPM-Rio (2017) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela PUC-Rio (2015). E-mail: zlofrano@gmail.com.

² Doutoranda em Comunicação (PUC-Rio). Possui mestrado em Comunicação e Sociedade (UFJF) e graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (UFJF). E-mail: rippelinv@gmail.com.

³ Anorexia nervosa é médica e psiquiatricamente classificada como um transtorno alimentar marcado, principalmente, pelo medo mórbido que ganhar peso. Segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM-IV), caracteriza-se por uma restrição alimentar autoimposta visando ao emagrecimento e à manutenção do peso em um nível muito abaixo do considerado saudável e distúrbio da imagem corporal.

⁴ Ainda segundo DSM-IV, a bulimia é um transtorno alimentar caracterizado por comportamentos compensatórios inadequados recorrentes para evitar o ganho de peso, como vômitos autoinduzidos; uso indevido de laxantes, diuréticos ou outros medicamentos; jejum; ou exercícios excessivos.

compulsão alimentar etc. Nas mulheres, a incidência da doença é maior: aproximadamente 92% dos indivíduos afetados pela anorexia são do sexo feminino (SGARBI et al., 2023) e, entre o sexo masculino, há uma prevalência em indivíduos homossexuais (PANULA; SANCHES, 2024). A bulimia, diagnóstico que geralmente acompanha a anorexia, é ainda mais comum, atingindo quatro vezes mais mulheres (SGARBI et al., 2023).

A anorexia é representada em diversas mídias como o filme *To the bone* (2017), em português *O mínimo para viver*, e o documentário como *Thin* (2006) a título de exemplo. Na internet é possível encontrar comunidades que se formam a partir de certos problemas e desafios de saúde em comum; o que remete a uma busca por apoio em alianças em torno de mal-estar e sofrimentos compartilhados. Autores como Rose (2013) e Rabinow (1999) vão denominar esses espaços e modos de aliança como biossocialidades ou biossociabilidades.

No caso em estudo, consideramos o blog como um dispositivo de biossociabilidade em torno da anorexia e da bulimia. São espaços nos quais essas jovens podem relatar suas vivências e desabafar suas dores e medos sem a repressão imposta pela sociedade. Locais nos quais elas buscam acolhimento, reconhecimento e existência.

Nesse artigo, buscamos compreender, a partir de excertos e enunciados, os modos de formulação presentes num caso específico, o do blog *Meu Alface Favorito*, de um discurso acerca da condição anoréxica, partindo do pressuposto de que, por esses escritos encontrarem-se em ambiência midiática digital, assumem certos modos enunciativos próprios às redes que os condiciona a uma forma e não outra de biossociabilidade.

O artigo se justifica pelo fato de que as reflexões sobre arranjos biossociais levam pouco em consideração a centralidade da comunicação digital para essas formas de aliança em torno de questões de saúde; e, por outro lado, reflexões sobre as redes não dão grande espaço à perspectiva crítica sobre saúde em sentido amplo.

2 CORPO, MULHER E SOCIEDADE

O corpo não é meramente um produto biológico, mas sim cultural (MAUSS, 1934). Atos e rituais relacionados ao corpo, como comer, tossir, dormir e beber, sofrem a mediação da cultura na qual está inserido, que indica onde, como e quando realizar cada atividade — ou nas palavras de Marcel Mauss: “técnicas de corpo”. Essas normas sociais não são adquiridas de forma natural, são herdadas e difundidas pela cultura através de gerações e também pelas

mídias, que atuam diretamente na transmissão dessas regras a partir da produção e reprodução de representações.

O corpo feminino, em especial, é reproduzido no discurso jornalístico como algo que “necessita” de “aprimoramentos”. Como observado por Braga (2016), as revistas femininas apresentam características naturais do corpo feminino como “indesejáveis”, ofertando “dicas”, produtos e serviços para “melhoramento” da aparência dos corpos das mulheres. Essas mídias constroem e ofertam sentidos sobre os corpos femininos através de um discurso que carrega princípios da lógica do sistema social dentro do qual foi gerado, apresentando uma “forma ideal” para a aparência do corpo feminino. Em uma questão específica da então apresentadora Angélica, que seria capa de uma revista analisada, Braga identificou que mesmo as mulheres consideradas “padrão” de beleza, dotadas das características do corpo idealizado, ainda assim necessitam da “transformação” operada pela equipe de capa da revista para se tornarem o corpo-verão. (BRAGA, 2016, p. 90)

Ou seja, mesmo as mulheres definidas como “padrão” de beleza, que estampam capas de revistas, precisariam de “aprimoramento” para os seus corpos, como tratamentos (nos cabelos, nas unhas, nas sobrancelhas) e recursos (dietas e treinos) para ter o corpo magro. A magreza é uma característica desse tal “corpo idealizado”. Para obter esse atributo, muitas pessoas, em destaque mulheres, se submetem a procedimentos estéticos custosos, dietas altamente restritivas, praticam exercícios de forma extenuante, o que pode promover diversos desequilíbrios, entre eles o desenvolvimento de transtorno alimentar, como bulimia e anorexia. Morgan, Vechiatti e Negrão demonstram que o corpo magro é associado à beleza e à sensualidade na cultura ocidental, mas também ao sucesso da pessoa em questão.

O ideal de beleza feminina centrado na magreza é parte integrante da psicopatologia dos TA. Na cultura ocidental, ser magra significa ter competência, sucesso, autocontrole e ser atraente sexualmente (MORGAN, VECHIATTI, NEGRÃO, 2002, p. 20). As dietas restritivas e as cirurgias plásticas produzem a ideia de que o corpo é maleável (MORGAN, VECHIATTI, NEGRÃO, 2002), o que pode garantir bastante frustração nas mulheres, uma vez que o ideal de magreza proposto é uma impossibilidade biológica para a maioria delas. A insatisfação com o próprio corpo é uma questão secular. A quadrinista Liv Stromquist (2021) conta a história da imperatriz Isabel da Áustria ou Sissi, do século XIX, cuja beleza era reconhecida por toda a Europa. Além das dores físicas que sentia por conta do peso dos longos cabelos, Sissi praticava

exercícios físicos intensos diariamente e fazia dietas altamente restritivas com o objetivo de se manter magra. A imperatriz era conhecida por sua “cintura finíssima” e admirada pelos súditos por sua “beleza”, recebendo presentes e atenção por onde passava.

Sendo assim, fica evidente que o corpo feminino é alvo histórico de constante julgamento, monitoramento e coerção social. Bourdieu (2002) descreve o corpo feminino como um “corpo-para-o-outro”. Para o sociólogo, a mulher é um “ser-percebido”, que existe pelo (e para) o olhar dos outros enquanto objetos simbólicos atraentes (BOURDIEU, 2002). Nessa lógica, a mulher, subordinada ao poder e à dominação masculina, passa a depender da validação dos outros (homens e demais sociedade) para se constituírem e introjetam esse mesmo olhar sobre seu próprio corpo (BRAGA, 2002).

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE: DA MATERIALIDADE AO DISCURSO

As comunidades de rede constituídas por pessoas diagnosticadas com anorexia ou bulimia são, comumente, denominadas de Pró Ana (anorexia) e Pró Mia (Bulimia), mesmo que não ocorra de fato uma defesa ou propaganda dos distúrbios e sim um relato da vivência. Neste trabalho, analisamos especificamente o caso do blog Meu Alface Favorito, mantido por uma jovem sob o pseudônimo de Sweet. B. como um diário virtual.

A primeira postagem, “Quando a Anna volta” (Figura 1), data de 06/10/2012 e está fixada no topo do blog, sendo assim o primeiro conteúdo com o qual o visitante tem contato ao entrar no *Meu alface favorito*. Nesse texto introdutório, a autora narra de forma lúdica e por meio de metáforas como foi crescer com anorexia.

Figura 01 – Quando a Anna volta

**Figura
01 –**



Quando a Anna volta

postado em *Dias de Anna e Mia*

Eu sou como um vaso de flores, porém quebrado, daqueles cuja terra suja só fazia germinar pequenas flores murchas. Não sei dizer ao certo quem me quebrou, se foram meus pais com seus gritos e preocupações, meus professores com suas desaprovações ou mesmo aqueles que eu queria que fossem meus amigos, mas não o foram. Depois de alguns anos com os meus pedaços pelo chão, alguns artesãos disseram a minha mãe que poderiam consertar-me, que colariam meus meus pedaços, adubariam minha terra e então plantariam flores tão belas que ninguém jamais imaginaria que em quantos pedaços eu havia quebrado.

Eles me consertaram sem ao menos perguntar se eu queria que o fizessem.

As novas mudas que plantaram nunca cresceram, então decidiram utilizar flores artificiais, bem como sorrisos e sonhos também artificiais. Fui recriada em meio a frases decoradas e promessas vazias (isso está gostoso! Estou com fome. Comerei mais tarde), assim eu era o perfeito disfarce de garota normal.

Alguns anos se passaram e os pedaços começaram a descolar. A medida que um a um voltava para o chão eu me sentia mais leve, eu me reencontrava. Ninguém viu meus pedaços caindo, eu estava envolta a uma embalagem bonita e coberta de flores com cheiro de plástico, eu era uma mentira agradável e é só isso que podiam ver. É a única coisa que eles ainda veem.

Fonte: *Meu alface favorito*

O blog completou 11 anos em outubro de 2023 e conta com centenas de postagens, dentre elas apenas 35 apresentam uma imagem ou foto, podendo ser classificadas em: 1) Automutilação – cortes autoprovocados – (4); 2) Fotos do corpo da autora (5); 3) Fotos do corpo da autora enquanto memória – fotos datadas de anos atrás – (7); 4) Fotos de textos escritos à mão em cadernos (6); 5) Desenhos em cadernos (3); 6) Artes digitais (4); 7) Fotos de estadias em hospitais (2) e 8) Outros (4). É notório a preferência da autora pela escrita mesmo em um ambiente no qual o uso de imagens e vídeos é facilitado. Até mesmo nos relatos que possuem o corpo anoréxico como tema a autora tende a recorrer à escrita para

compartilhar sua percepção. A questão aqui não é o corpo, mas como ele é apresentado no blog.

A partir da reflexão desenvolvida por Orlandi (2001) sobre as variadas textualizações do corpo, Dias argumenta que “se o corpo físico manifesta seus modos de subjetivação pela estetização tribal do corpo, no ciberespaço, essa estetização do corpo virtual se multiplica e assume formas variadas”. Seria um “corpo textual”, podendo ser criado por um nome, um avatar ou por meio da descrição física do sujeito.

E no e pelo corpo que se materializam traços da diferença. O corpo é lugar de inscrição, de resistência, local onde sentidos são formulados e postos em funcionamentos.

Este estudo, portanto, é uma tentativa ler o corpo anoréxico descrito no blog Meu Alface favorito enquanto discurso, buscando os vestígios do assujeitamento de autora nos sentidos expressos pela materialidade corpórea ali exposta. Buscamos também entender o contemporâneo por meio da autoficção presente nos relatos e narrativas compartilhadas no blog, já que conforme Antières (1998), ao falar sobre a autobiografia, a “escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas”. Sendo assim, a escrita no diário – aqui blog – pode ser lida como uma prática de arquivamento do “eu”, ou seja, uma construção de si mesmo e de resistência, conforme o autor defende.

Antières (1998) também acredita que inscrever-se numa normalidade garante uma identidade ao sujeito. Já que fora das redes é tão caro falar sobre os sentimentos e conflitos vivenciados por essas jovens na relação problemática com seus corpos, elas se ancoram na possibilidade de serem “Anas e Mias” no local onde encontram voz, na internet. É através dessa escrita da dor que elas se constroem enquanto sujeito. A corpo é estética de existência e a escrita, hoje, mais do que qualquer coisa, é um dispositivo de existência.

Nos interessa ouvir o que Sweet. B. quer dizer, o que o seu corpo anoréxico, enquanto arquivo, tem a dizer. E, principalmente, como a escrita permite que o corpo fale onde ele não está presente. Para dar início a tal processo optamos por realizar um recorte temporal no blog, analisando, nesse primeiro momento, as publicações realizadas entre 2018 e 2021 (a última atualização no blog data de 29/03/2023, mas a autora continua visitando a página e lendo os comentários). Nesse intervalo de quatro anos, foram feitas 57 postagens, sendo apenas 16 com uso de alguma imagem ou fotografia.

3.1 BLOGS ÍNTIMOS: DIÁRIOS PÚBLICOS

Algumas das utilidades dos blogs íntimos são as mesmas de um diário tradicional, como a possibilidade de desabafar e se autoconhecer por meio da escrita, e, ao mesmo tempo, mostrar-se ao outro em busca de reconhecimento e pertencimento.

Em uma cultura na qual o reconhecimento e a possibilidade da valoração do sujeito ocorrem a partir do olhar do outro, o que permanece fora do campo da visibilidade pode não ser visto por ninguém, portanto não existi (SILIBIA, 2008). Sendo assim, para ser reconhecido é necessário processar e performatizar uma gama de exigências carregadas de especificidades próprias da nossa cultura.

Nesses blogs, é ressaltada, inúmeras vezes, a necessidade de ter controle sobre o corpo e como é bom sentir-se “vazia” após um longo NF, sigla para “No Food”. Período no qual só é permitida a ingestão de água, café, chá e refrigerante sem açúcar. Além de diversos truques para burlar a fome e disfarçar o vômito autoprovocado, no caso da bulimia, e mensagens de incentivo. A culpa por comer também recheia as páginas. O ato de ingerir alimentos é dito como fracasso e o corpo “gordo” é dito como castigo pela falta de disciplina e controle.

Temendo um julgamento negativo, as anoréxicas se afastam da família e amigos e encontram nas comunidades virtuais uma acolhida sem condenação de seus atos, aponta David (2009). De acordo com Sophia (2010), esses espaços são marcados pelo apoio mútuo. Os relatos, sejam de ocorridos cotidianos ou angústias profundas, são recebidos com comentários repletos de carinho, visando sempre a compreensão. Para a autora, essa relação entre autor-leitor imprime um caráter de “conversa entre amigos”. Ao escolher o blog para compartilhar suas emoções e segredos, as jovens buscam uma cumplicidade pelo mesmo processo de subjetivação, ou seja, a anorexia nervosa. Essa escolha é ideológica.

Ao elaborar uma teoria social dos afetos, Ahmed (2015) nos permite, através da economia dos afetos, entender como as emoções são geradas e reproduzidas socialmente. A autora trabalha os afetos não como estados psicológicos, mas sim como prática cultural. Sendo assim, os afetos são um problema cultural. Em suas análises, a autora mostra que as emoções podem levar à identidade coletiva e a alianças sociais.

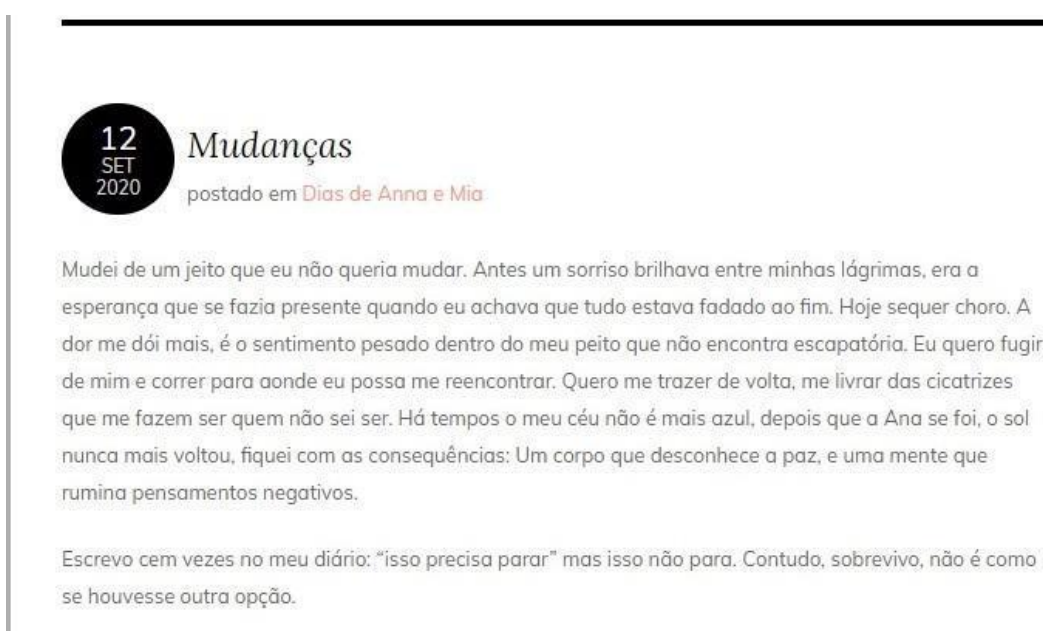
Ao tratar as emoções como ação, Ahmed (2015) argumenta que por meio delas os corpos adquirem valor e alguns passam a valer mais do que outros, como, por exemplo, o

corpo branco e o corpo negro. Agrupando alguns corpos e marginalizando outros. “O que nos separa dos outros também nos conecta com os outros” (AHMED, 2015, p. 54). Por isso, a necessidade de encontrar comunidades digitais feitas por e para jovens mulheres anoréxicas, afinal, não podemos deixar de ressaltar que a anorexia é relacionada ao corpo marcado, ao corpo doente.

Viegas (2007) defende que “as novas tecnologias digitais e virtuais compõem o cenário contemporâneo” caracterizando novas formas de pensar, sentir e perceber. Sendo assim, podemos alcançar o contemporâneo através da escrita em blogs íntimos, que também mantêm o segredo como questão principal. Por isso a facilidade em abordar temas tabus sob pseudônimos. A liberdade do anonimato enquanto possibilidade e incentivo para uma escrita sem autocensura. As páginas virtuais, de acordo com a autora, possibilitam a criação de diferentes identidades: plurais e ficcionalizadas. Vale ressaltar que não estamos falando do suporte, mas de como as anoréxicas se apropriam dele para mostrar-se ao mundo por meio da escrita.

No período analisado do *Meu alface Favorito*, Sweet B. faz algumas referências diretas ao uso do diário. Em “Mudanças” (Figura 2), a autora relata que escreve no diário seus desejos.

Figura 02 – Mudanças



Fonte: *Meu alface favorito*

Em outro texto, “Me julguem, eu não ligo” (Figura 3), Sweet B. relata como tem sido os seus dias enquanto tenta agradar a todos comendo alimentos saudáveis, cuidando da casa e indo à terapia, contrapondo aos dias “seus”, dias em que ela se tranca no quarto fuma, consome bebidas alcoólicas, faz uso de drogas, toma remédios e ouve música. Sweet deixa claro que esses dias íntimos não são relatados na terapia, mas sim no diário, e agora no blog. Mantendo a ideia de que esse espaço de escrita é fundamentado nos segredos que guarda. É um lugar permissivo e acolhedor. Seja nas páginas do diário ou na tela do blog, a autoficção permite que tudo seja dito sem o medo da repressão, possibilitando que subjetividades outras venham à tona.

Figura 03 – Me julguem, eu não ligo

Quando volto, cuido da minha casa, das minhas coisas, dos meus gatos.

Eu falo com a minha mãe todos os dias e dou conselho a todos os meus amigos que não sabem que caminho seguir, mesmo também estando perdida.

Eu frequento a terapia duas vezes por semana e pago caro para alguém me escutar e jogar sob mim seu olhar julgador, como se nada do que eu fizesse fosse o suficiente ou meus pensamentos fossem longe do que é considerado saudável.

Eu tento fazer tudo certo, agradar a todos, mesmo que raramente a mim mesma.

Nos dias que seleciono como “meus” eu bebo, cheiro, tomo comprimidos, fumo e escuto músicas que tocam o meu coração. Nesses dias a porta do meu quarto fica trancada e ninguém vê a minha decadência. Eu não falo disso na terapia, mas escrevo no meu diário e o fecho molhado de lágrimas que caem sem que eu precise forçar. Por muito tempo a minha capacidade de chorar acabou, minhas lágrimas cessaram. Hoje elas estão voltando timidamente e me sinto feliz em poder chorar.

Eu Aceito qualquer coisa para aliviar esse sentimento pesado dentro do meu peito que me puxa diretamente para a escuridão. Aliás, há muito escuridão dentro de mim. Queria ser luz mas me sinto trevas.

Talvez um dia eu me perca dentro dessa escuridão e não encontrarei mais a saída, mas eu tento. Eu tento...

Fonte: *Meu alface favorito*

3.2 BLOGS ÍNTIMOS: DIÁRIOS PÚBLICOS

Na anorexia, o distúrbio da imagem corporal é manifestado pela supervalorização da forma corporal na autoavaliação. Podendo ocorrer com o corpo como um todo ou com apenas algumas partes (ALVES et al., 2008).

O desejo de emagrecer não diminui com a perda de peso, pelo contrário, se torna cada vez mais obsessivo, lembra Giordani (2006). Para a autora, a medida em que o sujeito emagrece, mais aumenta o medo de engordar. Mesmo estando extremamente magras, a distorção corporal faz com que as anoréxicas se enxerguem gordas. “O peso corporal é altamente valorizado, sendo a perda de peso apreciada e julgada como uma extraordinária conquista e uma formidável demonstração de autocontrole” (GIORDANI, 2016).

O corpo toma para si um lugar de destaque. Sendo assim, a anoréxica traz discursos ressignificados no próprio corpo. Refosco e Macedo (2010), citando Brusset (1991), argumentam que na anorexia “evidencia-se um funcionamento que se traduz pela falta de palavras no interior da vida psíquica, de vias de ligação e assim, o corpo é quem fala”. No texto “Desabafo”, Sweet explica que “Palavras não são o suficiente para descrever a dor que é não ser capaz de contar as próprias costelas no banheiro” (figura 4).

Figura 04 – Desabafo

22
OUT
2019

Desabafo

postado em *Dias de Anna e Mia*

Minha cabeça pesa e pende para ambos os lados.
Ela está tão cheia que me sinto incapaz de mantê-la ereta, ao mesmo tempo que está tão vazia que sou capaz de ouvir os meus próprios pensamentos ecoarem mais um dos seus costumeiros pedidos de socorro. Porém, não há salvação para mim. Nunca houve, embora houvesse esperança.
Ah! Que saudades de acreditar! Acreditar em qualquer coisa. Acreditar em 42, acreditar em 38, acreditar em 35 quilos. Minha crença mortal, meu controverso motivo para viver.
Hoje, como um vampiro, me pergunto: cadê o meu reflexo no espelho?
O que a gente faz quando tudo o que restou de nós são velhas fotos protegidas por senha para que ninguém saiba o quanto longe você foi capaz de chegar?
A doce -e ocasionalmente sangrenta- lembrança de que já fui forte e já encarei sem medo a morte me trazem um sentimento de nostalgia que temia ter perdido para sempre. O preço? Novas cicatrizes. Vale tudo para lembrar da fortaleza que eram meus braços fracos, minhas pernas tremulas, meu estômago vazio.
O que aconteceu com quem eu era? Quem eu –desesperadamente- quero deixar de ser?
Palavras não são o suficiente para descrever a dor que é não ser capaz de contar as próprias costelas no banheiro esfumaçado -banheiro esconderijo.
Onde a gente busca refúgio quando se está preso no caos de ser quem se é?
Os dias passam rápido e as noites deixam claro que não há como fugir de mim mesma.
Já não me dou ao trabalho de apagar as luzes para chorar.

Fonte: *Meu alface favorito*

O corpo está sempre à vista e invoca um olhar de diferença. “Ao corpo é dado uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 28).

Conforme Goffman (2018) e sua teoria a respeito da apresentação do *self*, o corpo é o elemento central da fachada pessoal e em conjunto com o cenário (suportes do palco, na analogia teatral do autor) compõem a fachada. Essa última é o equipamento expressivo empregado pelo indivíduo durante as apresentações. É com essa informação a respeito do indivíduo que se é capaz de saber o que esperar dele. O corpo é, então, uma via de expressão. A construção da identidade de uma anoréxica ocorre junto com a construção do corpo: perda acentuada de peso, ossos aflorados e a dor provocada pela fome (Figura 5; figura 6)

Nossas formas corporais (ocidentais) são consideradas expressões de um interior, e não inscrições em uma superfície plana. Ao construir uma alma ou psique por si mesma, o “corpo civilizado” forma fluxos libidinais, sensações, experiências e intensifica as necessidades, os desejos “(...) O

corpo se torna um texto, um sistema de signos a serem decifrados, lidos e interpretados. A lei social é encarnada, 'corporalizada'; correlativamente, os corpos são textualizados, lidos por outros como expressão do interior psíquico de um sujeito". Um depósito de inscrições e mensagens entre as fronteiras externas e internas (do corpo) gera ou constrói os movimentos do corpo como "comportamento", que então (tem) significados e funções interpessoais e socialmente identificáveis dentro de um sistema social. (GROSZ, 1993, p. 198 apud OYĒWÙMÍ, 2021, p. 28)

Figura 05 – Mais ossos do que pele



Mais ossos do que pele

postado em *Dias de Anna e Mia*

Parar de comer é sentir-se acima do mundo, acima de tudo e de todos. Nada mais importa, além, é claro, do fato que você está vazia, livre.

Você se sente borboleta enquanto vê os outros como lagartas. Você acredita ser mais forte do que realmente é e acredita que pode ultrapassar todo e qualquer obstáculo. Contudo, essa sensação de superioridade é tão frágil quanto uma bomba pronta para explodir.

Esse sentimento sublime encontra seu fim quando calorias entram no seu corpo. É nessa hora que tudo desmorona e você não é mais forte. Você não é mais você. Agora, você é pedaços pelo chão e lágrimas de arrependimento. Porém, o que você poderia fazer? Parar de comer até sumir? Antes disso acontecer você acabaria num leito de hospital se perguntando quando foi que tudo virou do avesso. Quando foi que o mundo parou de fazer sentido e a comida se tornou inimiga.

Por isso, apesar da dificuldade, apesar do ódio e principalmente do medo, Você precisa comer, mesmo que pouco, o suficiente para se manter viva, não mais que isso, jamais mais que isso.

Você quer estar viva, mas nos seus próprios termos, coisa que nem todos são capazes de entender.

Estar viva e ser pele e ossos, mais ossos do que pele. Estar viva e ter certeza que fez o seu melhor, que atrás dessa prisão de ossos, você ainda é você -mesmo sem saber quem voce realmente é.

Fonte: *Meu alface favorito*

Figura 06 – Quero ser eu



Quero ser eu

postado em *Dias de Anna e Mia*

Eu espero todos saírem de casa para começar o meu dia. Na minha televisão tocam músicas que tocam a minha alma: falam de garotas perdendo peso até se perderem, falam de mim.

Comprimidos cor de rosa enchem a minha mão, são minhas pílulas secretas. Aposto nelas todas as minhas esperanças, como se fossem mágicas e pudessem tirar de mim o peso de ser eu. Conto as calorias e as horas sem comer: 24, 36, 48. Uma maçã, um arrependimento.

Paro e encaro o espelho esfumado do banheiro, não me vejo, não me reconheço. Quantos anos se passaram? Quem eu me tornei? Quero voltar no tempo e ser pele e osso, ser eu.

Fonte: *Meu alface favorito*

4 DISCUSSÃO DOS ENUNCIADOS: DO DISCURSO À HISTÓRIA

A construção da identidade atrelada ao corpo foi explorada por Elias (1993) ao estudar o processo civilizatório. Ao discorrer sobre a pedagogia da vontade, o autor demonstra como o comer pouco se tornou significante de elegância. Afirmação essa que podemos observar até hoje, seja por meio das mães que ensinam seus filhos a não encherem os pratos quando estão na companhia de outras pessoas ou o modo descontraído pelo qual as jovens contam que “fingem” comer pouco nos primeiros encontros para não “espantar” os pretendentes.

A alimentação é, portanto, uma convenção social. A cultura define o que é comida e o que não é, além de indicar quando e onde pode ser consumida. Bourdieu acrescenta que a própria seleção de quais alimentos serão desfrutados e o ato de comer são processos de distinções sociais que podem ser atravessados por questões de gênero. Enquanto das mulheres se espera comer com moderação, em pequenas quantidades, dos homens, espera-se dispor de maior volume de bebidas e comida, além de “alimentos fortes”, como a carne, para manter seu vigor e virilidade. (BOURDIEU, 2007)

O controle sobre o corpo também é pauta nos estudos de Foucault (2003). Para o autor o corpo é uma realidade política. O disciplinamento dos corpos e a docilização dos gestos compõem as relações de poder que gerem a sociedade capitalista, fazendo o corpo veículo de sentidos e lutas.

Mulheres são incitadas a controlar seus corpos para torná-los esteticamente satisfatórios e funcionalmente adestrados, atendendo às expectativas da sociedade e alcançando um bom desempenho social. Isso não ocorre de forma tão diferente na anorexia, entretanto há uma ruptura de sentidos do corpo esquelético. Socialmente visto como algo a se temer, se torna objeto de desejo e conforto. A busca pela magreza excessiva como a vontade de ser melhor, de superar a si própria. A modelação do corpo atrelada à construção de si.

O corpo, enquanto construtor de identidade, é, por si mesmo, discurso, transmitindo e emitindo sentido. Transmite propositalmente e emite uma gama de ações sintomáticas do ator, conforme Goffman (2018) explica ao falar sobre a expressão do indivíduo durante a apresentação do *self*. Para Butler (2018), o corpo também pode ser compreendido como uma construção discursiva, mas acrescenta que o gênero corresponde a uma performance identitária construída pela — e na — linguagem, sendo manifestado por meio do corpo. Entretanto, como foi dito anteriormente, é na internet que as anoréxicas se encontram, se apresentam, atribuem sentido sobre seus corpos e buscam pertencimento. Nesse espaço, onde o corpo físico não está presente, a apresentação ocorre através da construção de perfis em redes sociais e publicação de fotos e textos. Nesses blogs do universo Ana e Mia, meninas e mulheres escrevem sobre suas vidas, dietas, metas, sentimentos e, principalmente, sobre o “ser” anoréxica. O corpo nem sempre é apresentado por meio de fotos ou vídeos, mas sim através de uma escrita de si que busca transportar o sentido para o texto em tela.

Silva e Moreira (2016) ao discorrerem sobre a narrativa contemporânea definem a escrita de si como uma autoficção. Por meio dela a autora imprime sua marca autobiográfica em suas produções. “Uma literatura que centra a sua construção com base nas experiências vividas pelas escritoras” (SILVA; MOREIRA, 2016, p. 13). Esses textos memorialísticos são uma resposta ao silenciamento dos grupos minoritários, neste caso as mulheres anoréxicas.

Esse texto autobiográfico traz marcas não só de um “eu”, mas de toda uma coletividade. Silva e Moreira (2016) também esclarecem que não há uma forma discursiva fixa para a escrita de si, mas uma pluralidade de modos de dizer

compartilhados em cada contexto sócio-histórico. Sendo assim, a escrita feminina é recheada de singularizações, pois traz a forma de viver dos corpos femininos.

A escrita de si, conforme Klinger (2008), funciona como sintoma da época atual. Uma literatura de autoficção em uma sociedade marcada pela exaltação do sujeito. Klinger (2008) explica que a autoficção só faz sentido de lida como um espetáculo ou como gesto. Neste caso, um gesto de escrever o corpo anoréxico e transmitir todos os sentidos ali construídos.

Pensar o *Meu alface favorito* um lugar de sociabilidade, na qual as práticas discursivas, políticas e sociais da autora e das jovens que frequentam criam uma rede, dá ao blog um estatuto de uma comunidade organizada em torno de um ideal: o corpo anoréxico (r)existe e conta suas dores através de suas características físicas. Os blogs pró Ana e Mia procuram manter os laços afetivos. Há um projeto de troca de experiências, sentimentos e informações sobre os transtornos. “São as redes de relação de sentido funcionando como fator de identificação dos sujeitos” (DIAS, 2012, p. 93). Como podemos observar através da análise, o laço social que o sujeito estabelece através da escrita do corpo anoréxico lhe dá as condições materiais do dizer. É no *Meu Alface Favorito* e em sua escrita de si que a autora constrói uma significação para si. Com isso, a internet, ou neste caso, o blog, constituiu um lugar de constituição do sujeito. E no e pelo corpo que circulam práticas de significação constituídas na história.

O corpo que se destoa dos padrões instituídos como universais é visto como um corpo anormal, um corpo doente. Muitas vezes esse corpo à margem é invisibilizado. Quando meninas se reúnem na internet para falarem e mostrarem seus corpos “esqueléticos” enquanto ideal de superação e força, observamos um corpo, em sua forma material, que encarna a ruptura. É um corpo (r)esistência. Um corpo político que esculpe brechas de significação.

Novas formas de sociabilidade vão libertando novos sentidos possíveis, rompendo com o efeito de evidência que naturaliza o sentido como se ele não pudesse ser outro. Por exemplo, o “vazio” que aparece tantas vezes nos textos como sendo uma recompensada, um objetivo a ser alcançado e não mais a falta ou a falha. Isso também pode ser observado em outra direção. Ao publicar uma foto do corpo

anoréxico comemorando o aflorar de novas costelas enquanto uma prova de sua força e persistência, o sentido mobilizado pelo leitor pode ser outro. O corpo extremamente magro é geralmente lido como fraco e incapaz por grande parte da sociedade. Esse desvio de sentidos ocorre porque o sujeito não pode parar a história e consequentemente conter os sentidos.

Ao escrever sobre o seu corpo, Sweet está se apresentando, construindo o que é ser uma garota anoréxica e compartilhando quais sentidos essa subjetividade desperta. Ler o que essas jovens têm a dizer – e só em seus diários, virtuais ou não, encontram espaço – é buscar entender como o contemporâneo afeta diretamente a construção da identidade. É olhar para a necessidade de descrever o objeto de toda uma subjetividade – o corpo – quando ele não se faz presente no ambiente. É a possibilidade de ler um corpo que não precisa mais ser fotografado para transmitir os sentidos que nele são aprisionados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui lemos um corpo que é construído a partir do sentido da anorexia. Ossos que podem ser contatos, pele fria e áspera, cabelos ralos, braços e pernas finos etc. Não encontramos aqui uma descrição dos atributos físicos mais comumente utilizados em obras literárias ou produtos jornalísticos, como, por exemplo, a altura, cor da pele, cabelo e olhos. Aqui o corpo é construído a partir dos sentidos que elas atribuem.

Meu Alface Favorito é lugar de identificação do sujeito consigo mesmo e com a própria condição. Falar desse corpo anoréxico é romper o silenciamento imposto, é dar visibilidade ao corpo marcado. É falar sobre o que constituiu o sujeito e a sua forma de existir. É a descrição do corpo como significação do eu.

Como podemos observar através da análise, o laço social que o sujeito estabelece através da escrita do corpo anoréxico lhe dá as condições materiais do dizer. É no *Meu Alface Favorito* e em sua escrita de si que a autora constrói uma significação para si. Com isso, a internet, ou neste caso, o blog, constituiu um lugar de constituição do sujeito.

É a partir dessa pequena análise sobre um dos vieses possíveis nesse rico cenário de autoficção denominado *Meu Alface Favorito* que iniciamos um estudo que visa entender como, na contemporaneidade, o sujeito existe através da escrita do/no corpo no ambiente

digital. Encerramos essa exposição com inúmeras perguntas e caminhos possíveis de encontrar respostas: como, de fato, é escrito esse corpo anoréxico? Quais discursos compõem a descrição desse corpo? Quais discursos o “vazio”, tantas vezes repetido nos textos do blog, mobiliza quando aplicado como sinônimo de força ou vitória? O texto literário funciona enquanto atenuante da dor e desespero dessas meninas? Esperamos dar continuidade a esse estudo e, em breve, oferecer novas respostas.

REFERÊNCIAS

- A ABP apoia o Dia Mundial de Ação dos Transtornos Alimentares. Disponível em <https://www.abp.org.br/post/a-abp-apoia-o-dia-mundial-de-a%C3%A7%C3%A3o-dos-transtornos-alimentares>. Acesso em 22/05/2024
- AHMED, S. **La política cultural de las emociones**. Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género México, 2015.
- ALVES, Emilaura; VASCONCELOS, Francisco; CALVO, Maria Cristina; NEVES, Janaína. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 24, n. 3, p. 503-12, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000300004>
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (1994). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (4ª ed.). Washington: Author
- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239100/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20A%20Distin%C3%A7%C3%A3o.pdf
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022 [2002]
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DAVID, Juliana de Souza Ramos. **Anorexia em comunidades virtuais: práticas e visões culturais do corpo**. Dissertação (Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arauca, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009.

ELIAS, Nobert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: O cuidado de si. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. A auto-imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 81-88, 2006.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. n. 12, 2008.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do Corpo**. In: Sociologia e antropologia. Editora Cosac & Naify, 2003. Disponível em:

https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf

MORGAN, Christina; VECCHIATTI, Ilka; NEGRÃO, André. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Braz. J. Psychiatry**, v. 24, supl. 3, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/4k6LHnmVLtm8Yr3LPMbp6vC/?format=html#>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700005>. Acesso em: 22 maio 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PANULA, André; SANCHES, Leticia. Prevalência de transtornos alimentares em homens homossexuais. **ANAIIS DO FÓRUM DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIFUNEC**, Santa Fé do Sul, São Paulo, v. 14, n. 14, 2024. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/forum/article/view/6125>. Acesso em: 23 maio 2024.

RABINOW, Paul. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: BIEHL, J. G. (Org.). **Antropologia da razão**: ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume e Dumord, 1999.

REFOSCO, Lísia; MACEDO, Mônica. Anorexia e bulimia na adolescência: expressão do mal-estar na contemporaneidade. **Barborói**, n. 33, ago./dez., 2010.

ROSE, Nikolas. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no séc. XXI. São Paulo: Paulus, 2013

SGARBI, Mariana; SGARBI, Maria Clara; OUROFINO, Eder; FONTES, Ana Luiza; SIQUEIRA, Emilio. Uma análise dos transtornos alimentares: anorexia nervosa e bulimia. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 2, p. e12172, 2023.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Gislene; MOREIRA, Jailma. Escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural. **Pontos de interrogação**. v. 6, n. 1, p. 11-28, 2016.

SOPHIA, B. V. Os sentidos atribuídos à anorexia e à bulimia em páginas da internet: uma perspectiva sociocultural. In: **34º Encontro Anual da Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, Caxambu, 2010.

STROMQUIST, Liv. **Na sala dos espelhos** - 1ª ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2023

THIN. Diretora: Lauren Greenfield. Produção: R.J. Cutler, Lauren Greenfield, Amanda Micheli, Ted Skillman, Sheila Nevins. Estados Unidos: Discovery Global Adventure & Documentaries, 2006. *Streaming HBO*

To the bone. Diretora: Marti Noxon. Produção: Bonnie Curtis, Karina Miller e Julie Lynn. Estados Unidos: Netflix, 2017. *Streaming Netflix*

VIEGAS, Ana Claudia. Escritas contemporâneas: literatura, internet e a “invenção de si”. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 32, p. 61-72, 2007.

"THE BLOOMING OF BONES": WRITING THE ANOREXIC BODY AS A WAY OF EXISTING AS A SUBJECT IN CONTEMPORARY TIMES

ABSTRACT

The article aims to analyze and map meanings materialized in a personal blog of a young woman under the pseudonym "Sweet" and her accounts of anorexia nervosa. To this end, we draw on the conceptual basis of Discourse Analysis in dialogue with authors from Communication, Anthropology, Sociology, and History. In general, these blogs are seen as material that encourages restrictive eating practices and as a significant health risk for young people diagnosed with the same issue. In this work, the purpose is to offer a listening proposal based on these writings, published in a device of biosociability that is often silenced. The conclusion points to a way of self-narration that, by resorting to a quasi-fictional expression, seeks to mobilize meanings that escape common social formulations about this form of distress and those institutionalized in the biomedical field.

Keywords: Blog. Discourse. Anorexia. Bulimia. Female Body.

"EL AFLORAR DE LOS HUESOS": ESCRIBIR EL CUERPO ANORÉXICO COMO UNA FORMA DE EXISTIR COMO SUJETO EN LA CONTEMPORANEIDAD

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar y mapear los significados materializados en un blog personal de una joven bajo el seudónimo "Sweet" y sus relatos sobre la anorexia nerviosa. Para ello, recurrimos a la base conceptual del Análisis del Discurso en diálogo con autores de la Comunicación, la Antropología, la Sociología y la Historia. En general, estos blogs son vistos como materiales que fomentan prácticas de alimentación restrictiva y como un gran riesgo para la salud de los jóvenes diagnosticados con el mismo problema. En este trabajo, el propósito es ofrecer una propuesta de escucha a partir de estos escritos, publicados en un dispositivo de biosociabilidad que muchas veces son silenciados. La conclusión señala una forma de relato de sí mismo que, al recurrir a una expresión casi ficticia, intenta movilizar

significados que escapan a las formulaciones sociales comunes sobre esta forma de malestar e institucionalizadas en el campo biomédico.

Palabras clave: Blog. Discurso. Anorexia. Bulimia. Cuerpo femenino.

Recebido em: 07/10/2024

Aceite em: 18/12/2024